

**Thiago Lopes Ferreira**

Arquiteto e urbanista, doutorando pela Universidade de Grenoble - ENSAG - AE&CC - França, em co-tutela com o Instituto de Arquitetura e Urbanismo USP São Carlos, Av. Trabalhador São-Carlense, 400, CEP 13566-590, São Carlos, SP, Grupo de Pesquisa HABIS, (16) 3373-9304, (16) 8115-9875, thi.lopes.ferreira@gmail.com

**Resumo**

De que trata a noção de culturas construtivas? Qual seria sua natureza e seus elementos constitutivos? A partir de um olhar analítico sobre os fenômenos de produção das culturas construtivas tradicionais, este artigo coloca em evidência certas características e condições de seus sistemas de funcionamento. Assim, orientamos nossas reflexões a uma melhor compreensão de como certas sociedades produziram tecnologias, em momentos específicos, legitimadas por fatores ligados mais à tradição cultural do que à razão técnica, transmitindo-as e desenvolvendo-as ao longo do tempo. Tais processos apresentaram-se, inclusive, como fortalecedores de coesões sociais e identidades coletivas.

*Palavras-chave:* culturas construtivas, arquitetura vernácula, produção habitacional.

*“Existe mais inteligência na concepção dos pilares da UNESCO desenhados por Nervi, na estrutura metálica do Grand Palais, em uma abóboda gótica, em uma estrutura em madeira de uma igreja norueguesa ou em um dos altos prédios de terra no Yémen?” (UNESCO, 1993)*

A questão acima nos servirá como ponto de partida para uma reflexão acerca do termo *culturas construtivas*. Nosso interesse aqui não está focado na análise comparativa das referências citadas, em busca de uma resposta elucidadora ou conclusiva que legitime uma ou outra opção. O que cativa nossa reflexão reside, por sua vez, nos diferentes processos de produção estabelecidos e nas relações entre suas características e condições de existência.

Por estarem inseridos em momentos históricos, políticos e sociais distintos, os exemplos citados apresentam esquemas estruturantes diferenciados em seus sistemas de produção. Estes, foram estabelecidos a partir de modelos de sociedade baseados em diferentes e complexas relações de força, dominação e poder. Alguns deles ocorreram dentro de um modo de produção pré-capitalista, contendo uma técnica pré-industrial, sendo assim

estruturalmente diferentes dos exemplos que se desenvolveram dentro do modo de produção industrial capitalista. Com isso, torna-se complexo o exercício comparativo entre os altos prédios de terra no Yémen, edificados no século XVI, e as estruturas metálicas do Grand Palais, na França, cuja construção foi concluída em 1900.

Procurando lançar a atenção para o caráter mais amplo dos processos de produção, o autor da questão evocada, posiciona as referências como *“verdadeiras expressões de conhecimentos científicos e técnicos, de saber-fazer dominados, centrados e perfeitamente situados dentro do contexto histórico de produção”* (UNESCO, 1993). Assim, a questão é reformulada e expressa da seguinte maneira: *“Existe mais inteligência no cálculo da curvatura dos pilares da UNESCO, ou na sequência meticulosa de gestos que segundo as regras validadas por gerações de*

*construtores permitiram levantar uma abóboda e uma estrutura?"* (UNESCO, 1993)

Este novo posicionamento mergulha a reflexão no cerne do processo produtivo, numa instância em que a produção cognitiva se retroalimenta com o "saber-fazer" dos gestos construtivos. Desta síntese e de sua adequação a um determinado contexto ambiental, cultural e político, nascem condições potenciais para que um grupo social crie suas estratégias de desenvolvimento e reprodução, das quais as *culturas construtivas* são elemento, instrumento e processo.

Neste texto vamos nos ater aos processos de produção das chamadas *culturas construtivas* tradicionais, buscando elencar elementos que nos ofereçam subsídios e suporte a uma melhor compreensão de como certas sociedades conseguiram produzir tecnologias, em um momento específico, legitimadas por fatores ligados mais à tradição cultural do que à razão técnica, transmitindo-as e desenvolvendo-as ao longo do tempo.

Do que trata a noção de *culturas construtivas*? Qual seria sua natureza e seus elementos constitutivos? Quais são os aspectos preponderantes, durante seu processo de produção, que fazem com que determinados grupos sociais desenvolvam e transmitam às gerações seguintes tecnologias como sendo bem adaptadas aos próprios contextos culturais, ambientais e temporais?

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que nossa reflexão não passa pela construção conceitual dos termos "*cultura*" e "*construção*" de forma isolada. Nossa compreensão se constrói em torno do termo oriundo da aproximação desses dois primeiros termos - *culturas construtivas* -, que adquire significado próprio com vasto conteúdo, inserido em processos dinâmicos, temporais e localizados, e que possibilitam reflexões a partir de diferentes campos de análises colocados em evidência.

A aproximação e as estreitas relações entre as arquiteturas produzidas e os respectivos valores e usos de quem as produziu, são fundamentais para a construção de uma compreensão acerca da natureza do objeto arquitetônico considerado como produção cultural.

Em uma primeira leitura, o termo *cultura construtiva* nos fornece uma dupla interpretação. Por um lado, há o caráter cultural da ação construtiva, onde características culturais de uma dada sociedade são "materializadas" nas edificações e em seus processos construtivos - "culturas que constroem". E, por outro lado, há o caráter da produção das culturas - "culturas em construção". O que nos remete, então, ao sentido produtivo do termo, e assim, aos processos de produção e desenvolvimento do mesmo.

Assim, o termo *cultura construtiva* adiciona à ação construtiva esta aproximação cultural, onde "*... as ferramentas, o saber-fazer, a estrutura do grupo social, a distribuição das tarefas, e ainda os rituais e a mitologia, constroem um sistema global onde seu equilíbrio definirá a cultura de uma sociedade, ao mesmo tempo, que sua eficácia operatória*". (ENSAG, 2005)

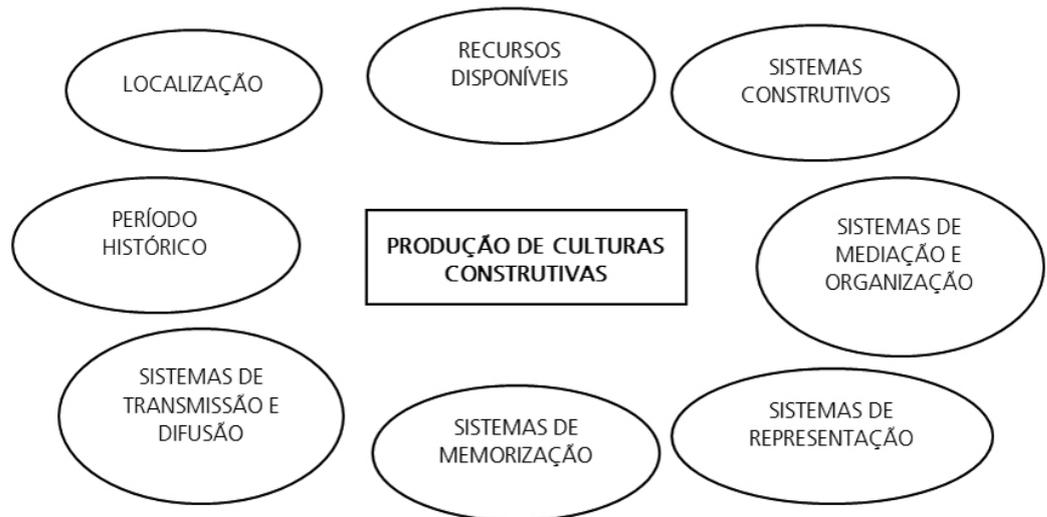
O termo expressa, então, o imenso leque de criações arquitetônicas desenvolvidas pelas mais variadas civilizações ao longo dos diferentes períodos históricos. Para o professor Guillaud<sup>1</sup>, torna-se fundamental entendermos o caráter progressivo e adaptativo do termo. Segundo ele:

*"Uma cultura construtiva é o resultado de um lento processo de experimentação para configurar um habitat, em um meio ambiente particular (contexto, sítio, clima, recursos), em um tempo, e em um espaço do território. Este processo de experimentação adaptativa e evolutiva, em trajetória sempre recomposta, resulta na aquisição de uma experiência que liga o saber e o saber-fazer a capacidades de produção de respostas construtivas (materiais, elementos e sistemas), e arquitetônicas (estruturas, espaços, formas) sob a forma de modelos e de tipos elaborados que respondem às necessidades das sociedades (economia, funções, usos, modos de vida, bem estar) e às suas expectativas (aspirações, elevação, espiritualidades). Estes modelos transmitidos de geração em geração de construtores, nas sociedades tradicionais, são também garantidores de identidade e de coesão das sociedades que as produzem em torno de um conjunto de valores culturais materiais e imateriais compartilhados."*<sup>2</sup>

A trajetória das *culturas construtivas* ao longo do tempo aporta os acúmulos primorosos de seus processos históricos (processos conceituais e de criação,

<sup>1</sup> Arquiteto e professor HDR da Escola Nacional Superior de Arquitetura de Grenoble / França. Co-diretor da unidade de pesquisa "Architecture, Environnement et Cultures Constructives", laboratório CRAterre.

<sup>2</sup> Comentários do professor Hubert Guillaud em seus cursos sobre culturas construtivas, 2008.



**Figura 1:** Proposta de decomposição do fenômeno de produção das *culturas construtivas*.

de experimentação e expressão, de representação e apropriação, de sistematização, etc.), adaptando e reproduzindo os modos e saberes construtivos tradicionais. Ao evocar as diversidades e características presentes nas *culturas construtivas*, destacamos a importância de compreendê-las a partir de uma leitura que evidencia seu caráter identitário. Modos de vida, laços sociais, normas, regras, valores, etc., são exemplos de elementos em constante transformação, que por serem formadores de identidades, são parte da essência produtora das *culturas construtivas*.

Torna-se então necessário elencarmos alguns caminhos que nos ofereçam subsídios a uma melhor compreensão dos mecanismos gerais de produção das *culturas construtivas*. Sugerimos, assim, a “decomposição” de seu fenômeno de produção, com o intuito de facilitar nossa análise.

Tal decomposição constitui-se apenas como uma possibilidade de leitura deste fenômeno de produção. E como toda decomposição analítica, necessita ser amadurecida e desenvolvida criteriosamente. Os elementos fundamentais sugeridos são parte do mesmo processo produtivo e se retroalimentam na medida em que se estruturam em um ciclo de constante dinamismo. Processos coletivos de experimentação e aprendizagem, de troca e complementaridade, de conscientização e elucidação, de produção e construção, de transmissão e evolução, etc.

Desta forma, este texto não propõe a imersão na engrenagem produtiva de uma *cultura construtiva* específica. Nosso interesse se aproxima de uma leitura mais ampla e geral acerca dos elementos fundamentais da produção das *culturas construtivas* tradicionais através de análises feitas a partir de algumas referências expostas.

### Localização

*“A escola positivista se esforça em demonstrar, apoiando-se em mapas de distribuição mundial das formas de habitat, que a localização de tipos arquitetônicos se dá em função do clima, de recursos naturais, de materiais disponíveis, etc. Entretanto, todas as análises mais aprofundadas devem levar em consideração, entre outras coisas, as correntes culturais, as estruturas sociais e econômicas, o conjunto de ritos e de mitos, que, cada vez mais, conduzem a pensar que a influência do meio ambiente sobre a arquitetura se exerce menos positivamente que negativamente (impossibilidade de emprego de certos materiais, de certos tipos de formas, etc.). A arquitetura se desenvolveu e se diferenciou como instrumento da vida social, apesar das limitações impostas pelo meio ambiente, e não por causa dele; ela não pode, certamente, ignorar as características do entorno, mas tende, em geral, a minimizar a ação redutora.”* (GUIDONI, 1994)

A ideia de determinismo ambiental já foi refutada por diversos pesquisadores. Laraia (1986) nos mostrou a existência de uma limitação da influência geográfica sobre os fatores culturais através, dentre outras coisas, da grande diversidade cultural localizada numa mesma região geográfica. O trabalho de Kessing (1961) sobre os lapões e os esquimós que vivem na calota polar norte, sendo os primeiros no norte da Europa e os segundos no norte da América, ilustra bem esta ideia. Os dois grupos vivem em contextos físicos e climáticos similares, caracterizados por longos e rigorosos invernos, com fauna e flora semelhantes.

<sup>3</sup> O termo “inteligências construtivas” é aqui utilizado como sendo o resultado do desenvolvimento (experimentação, sistematização, aprimoramentos, etc.) de “saberes” e “saberes-fazer” ao longo de um período de tempo, produzindo respostas construtivas bem adaptadas aos múltiplos contextos de uma sociedade.

<sup>4</sup> Informações coletadas da exposição “Architecture et Paysage Batamaribe” do Ministério da Cultura, do Artesanato e do Turismo francês, realizada na embaixada da França no Benin e organizada pelo CRAterre/França.

<sup>5</sup> Informações coletadas da Proposição de inscrição de bens na lista do patrimônio mundial da UNESCO : “Koutammakou – Le pays des Batamaribe : ceux qui façonnent la terre”. República do Togo, 2002.

*“Os esquimós constroem suas casas (iglus) cortando blocos de neve e amontoando-os num formato de colmeia. Por dentro a casa é forrada com peles de animais e com o auxílio do fogo conseguem manter o seu interior suficientemente quente. (...) Quando deseja, o esquimó abandona a casa tendo que carregar apenas os seus pertences e vai construir um novo retiro. Os lapões, por sua vez, vivem em tendas de peles de rena. Quando mudam seus acampamentos, necessitam realizar um árduo trabalho que se inicia pelo desmonte, pela retirada do gelo que se acumulou sobre as peles, pela secagem das mesmas e seu transporte para o novo sítio.” (LARAIA, 1986)*

Evidentemente, não buscamos orientar a reflexão a uma compreensão de neutralidade com relação às influências do meio ambiente sobre as sociedades. Essas influências existem e são de enorme importância nas formulações das estratégias de ocupação do solo e reprodução social. Entretanto, não são determinantes. Determinantes são as “inteligências construtivas”<sup>3</sup> criadas e desenvolvidas por tais sociedades buscando aproveitar, em sua melhor condição, dos elementos e características dispostos pelo entorno natural, minimizando as dificuldades encontradas e reforçando as relações sociais e os aspectos culturais específicos.

Inclusive, tais “inteligências construtivas” se tornaram, em um primeiro momento e em diversas situações, o “embrião” das posteriores *culturas construtivas* situadas e específicas aos territórios e às sociedades.

Um exemplo que demonstra uma inter-relação equilibrada entre um determinado grupo social,

uma cultura particular e uma região específica, diz respeito aos Batamaribas. Este grupo étnico, que vive na atual fronteira entre o Togo e o Benin, estabeleceu-se em um território de savana, cercado por maciços montanhosos, e soube tanto adaptar-se ao meio ambiente natural quanto transformar a matéria-prima disponível localmente em um conjunto de patrimônios arquitetônicos fascinantes, enriquecidos de elementos culturais que lhes são próprios.<sup>4</sup>

Eles desenvolveram uma cultura extraordinária que relaciona elementos de ordem simbólica, religiosa, técnica e funcional, com os elementos naturais necessários à sua subsistência e ao equilíbrio com o entorno. Assim, a sociedade Batamariba confiou à sua ocupação territorial os elementos constituintes de sua unidade comunitária, baseados, sobretudo, em suas crenças, ritos e no respeito com o meio ambiente.

Não se conhece ao certo a origem deste grupo étnico. Especula-se que são originários da região do atual Burkina Faso, tendo migrado devido às sucessivas guerras e tentativas de colonização. O processo de ocupação territorial dos Batamaribas constituiu-se em um verdadeiro reflexo de seus elementos místicos e é organizado a partir de diversos rituais realizados em torno de seus lugares sagrados, como por exemplo: o cemitério (onde os rituais se fazem ao lado da tumba do fundador do “clan”); a grande casa de iniciação dos jovens (onde residiu o ancestral fundador do “clan” e onde as cerimônias oficiais se realizam) e o santuário da Serpente (lugar místico onde, segundo as crenças locais, habita a serpente subterrânea que deu origem aos ancestrais Batamaribas).<sup>5</sup> Todos estes lugares estão intrinsecamente ligados aos processos de transformação das paisagens naturais, fundação das cidades locais e construção territorial em sua escala regional.

*“A criação de uma nova cidade obedece ao mito da criação da primeira cidade por “Kuyé”, o Deus criador, arquiteto do mundo que construiu a primeira “Takienta” para o homem e as divindades. O fundador da nova cidade se desloca de seu “clan” de base e constrói sua “Takienta”, uma “Takienta-mãe” a partir do modelo original com todas as configurações iniciadas por Kuyé (torres, sótãos, terraços, etc.). (...) Ele estabelece um acordo prévio com « Butan », a deusa da terra, esposa de « Kuyé »,*

*e mãe protetora dos humanos que governa a agricultura, as florestas, os animais, os cemitérios. (...) Ele levanta os santuários para os « Dibo », as forças naturais, com os quais a população irá usar para compor seu território. (...) Finalmente, o fundador instala um centro de ritual composto pela casa grande de cerimônias, pelo altar da Serpente tutelar e pelo cemitério". (JOFFROY e DJANGUENANE, 2005)*

Esta paisagem particular constitui-se como o reflexo de um modo de vida específico, baseado em procedimentos e práticas tradicionais, representativas de uma sociedade e de sua interação com o meio ambiente natural. As estratégias de vida e de reprodução social pelas quais optaram, nos revelam uma civilização que soube adaptar-se e exercer certo domínio sobre as limitações condicionadas pelo meio ambiente natural. Demonstraram-nos uma consistente sabedoria e engenhosidade com a utilização da matéria prima disponível em suas construções, constituindo-se em uma paisagem específica que "materializou" uma *cultura construtiva* própria.

### Recursos disponíveis

Mas como as diferentes sociedades se apropriam e se servem dos materiais disponibilizados pelo meio ambiente natural no momento de edificar seus habitats? Quais fenômenos criam resistências à utilização de uns tantos e integração aos modos de vida de outros tantos? Podemos observar que noções de higiene, beleza, conforto, segurança, status, etc., rejeitam ou valorizam tais materiais através de seu uso intensivo ou de sua resistência em oposição. Percebemos que mesmo os materiais de uso mais antigo, são inseridos ou excluídos dos processos produtivos por interesses diversos, por percepções simbólicas ou por falta de conhecimento técnico suficiente.

De origem mineral, vegetal ou animal, disponibilizados pela natureza e transformados pelas diversas culturas existentes, são as matérias-primas e os materiais, os interlocutores privilegiados dos sonhos e desejos daqueles que os compreendem e os manipulam. Tais materiais ocupam lugar de destaque nas decisões e estratégias de reprodução dos mais diversos grupos sociais. Tornam-se, assim, parte da história produtiva, desde a escolha judiciosa da matéria-prima adequada, passando pelas transformações experimentadas por

séculos de repetição e desenvolvimento, até sua forma "produto final" em acordo com a finalidade concebida.

Com a terra erguem-se casas, igrejas, fortalezas, prédios de múltiplos andares, abóbodas, cúpulas, enfim, cidades inteiras executadas a partir dos mais variados sistemas construtivos, desenvolvidos em função das características e propriedades das terras disponibilizadas e das "inteligências construtivas" de seus grupos sociais. Do bambu surgem pontes, estruturas leves e complexas, objetos decorativos em todas as escalas imaginadas. Da madeira materializam-se estruturas, esquadrias, revestimentos, telhados, enfim, sejam fatiadas em lâminas ou roliças, construções dos mais diversos formatos surgem a partir do uso deste nobre material. Da pedra, fundações são estruturadas, paredes são levantadas e de sua transformação novos materiais ganham forma e abrem novas possibilidades de uso. Do vidro, o diálogo entre o interior e o exterior se afirma e a luz marca presença dentro dos espaços. Do metal, os velhos limites se perdem no tempo, distâncias horizontais e verticais se reduzem e novas resistências mecânicas aparecem nos discursos técnicos. Além destes, tantos são os outros materiais, disponíveis ou transformados, cujos potenciais de utilização variam em função de suas qualidades específicas e dos conhecimentos de quem os manipulam.

Conhecimentos estes que são evocados conforme as criatividade e potencialidades adaptativas, a partir dos saberes e experiências acumuladas, que revelam múltiplos elementos e aspectos culturais, e que estão sob a influência das ordens estabelecidas pelas condições político-econômicas e sociais do momento histórico vivido.

### Sistemas construtivos

Direcionamos nossa leitura para a reflexão sobre os fatores que tornam possível a organização das diferentes modalidades específicas dos processos produtivos. As relações possíveis entre o saber e o saber-fazer, a execução dos gestos e suas respectivas etapas de experimentação, adaptação, sistematização e aprimoramento, e ainda os procedimentos relativos aos mecanismos de reprodução, marcam e caracterizam a natureza da produção do ato construtivo, alimentado, ainda,

pelos aspectos culturais trazidos e evocados pelas mãos que manipulam a matéria e produzem os objetos.

Como se articulam nesta rede produtiva tais mecanismos que possibilitam a transformação da matéria em material e, em seguida, em objeto construído? Como se dão as interações, dentro dos processos criativos, entre a concepção, as relações forma-força, a linguagem estética, os fenômenos imateriais, os materiais disponíveis e os saberes-fazer?

Todos os anos o mesmo ritual se repete. Durante a estação da seca, a população da cidade de Djenné, no Mali, se reúne em festa para a realização dos trabalhos de manutenção do reboco de terra da grande mesquita, um dos maiores monumentos construídos em terra no mundo, cujo início se deu no final do século XIII. Geração após geração, a necessidade de realização deste trabalho abriga o maior evento do calendário cultural da cidade.

Este evento dá lugar a uma grande mobilização popular em que a participação coletiva se tornou um ritual quase incontornável, onde grupos sociais das mais diversas culturas e etnias locais se encontram em torno de um objetivo comum, e reforçam a coesão do tecido social, marcando o funcionamento desta comunidade mulçumana. (YAMOUSA e JOFFROY, 2010)

Assim, a arquitetura da mesquita de Djenné e sua trajetória construtiva estão intrinsecamente ligadas a uma prática regular de manutenção de seu reboco de terra. A necessidade técnica transformou-se ao longo dos anos, em uma manifestação prática de cooperação coletiva.

O patrimônio arquitetônico adquire uma dimensão mais abrangente do que seu valor como técnica construtiva. Configura-se como um instrumento de coesão social, cujo processo de compartilhamento e interação dos saberes reflete-se na valorização das identidades comuns.

Utilizando-se a terra como material de construção e as mãos como principal ferramenta de trabalho, tijolos de adobe são há séculos produzidos e usados como sistema construtivo na edificação da mesquita. Os adobes foram transformando-se ao longo do

tempo. No início, eles eram cilíndricos, moldados à mão sem o auxílio de fôrmas. Eram conhecidos como Djenné ferey, e foram substituídos na primeira metade do século XX pelos adobes de formato retangular, moldados com o auxílio de fôrmas.

Tais processos produtivos se manifestam como motor, palco e instrumento da formação e desenvolvimento das *culturas construtivas*. Estão presentes nos mais diversos grupos sociais, nas mais diferenciadas regiões do planeta e em todos os períodos da história da humanidade.

## Sistemas de mediação e organização

Outros elementos também são extremamente importantes para os fenômenos de produção das *culturas construtivas*. Boa parte deles são encontrados nas instâncias relativas aos sistemas de mediação e de organização do trabalho. Estas instâncias contribuem para a emergência de modelos e estratégias que fortalecem a constituição e a valorização de identidades, de sentidos, de objetivos e de utopias.

Esses sistemas são marcados por diversos procedimentos e mecanismos de atividades, como: os métodos de gestão, de comunicação, de interação social, assim como os acordos e pactos que se estabelecem através da identificação ideológica, da militância, etc. A organização do trabalho é essência e instrumento dentro do processo de produção, e determina as condições e os níveis de cooperação, conscientização e empoderamento dos respectivos grupos sociais.

Geralmente, tal organização repousa sobre regras (normas) que são utilizadas no planejamento dos mecanismos de comunicação. Segundo Rapoport (2000), "*..tais regras variam, sobretudo, em função da cultura, e servem em parte, para definir grupos (de indivíduos que compartilham tais regras) e ditar modos de comportamento, tendo um papel central no estabelecimento dos modos de vida e dos sistemas de atividades*".

A corporação dos artesãos de Djenné é reconhecida no Mali por sua qualidade, sendo regida por um código restrito. O *bareyton*<sup>6</sup> toma as decisões relativas à distribuição dos canteiros de obras e às devidas remunerações, assegurando através de um sistema de patronagem a formação dos aprendizes.

<sup>6</sup> Corporação de artesões cuja criação remonta ao século XV, e que está na origem do estilo arquitetônico chamado arabe-sudanês.

Assim, como nas corporações de ofício tradicionais, distinguimos uma estrutura hierarquizada formada por aprendizes, jovens artesões (que terminaram sua primeira fase de aprendizado) e mestres artesões. Estes últimos detêm o conhecimento de maneira mais completa em relação às técnicas e tradições da profissão. (YAMOUISSA e JOFFROY, 2010)

Quando das atividades de reaplicação dos rebocos em terra realizadas na mesquita de Djenné, após a estação das chuvas, a organização do trabalho é feita atentamente, seguindo certas regras locais de repartição de tarefas. Os grupos são separados por bairros e começam as atividades logo no início da manhã, sendo estas executadas sob a direção dos mestres artesões. A maior parte das pessoas está encarregada pelo transporte e pela aplicação da massa de reboco, contudo são os mais velhos e experientes que supervisionam os trabalhos e asseguram o respeito e a boa aplicação das considerações técnicas. (YAMOUISSA e JOFFROY, 2010)

### Sistemas de representação

O processo de constituir e desenvolver sistemas de representação ocorre de maneira simultânea, complementar e interativa ao próprio processo produtivo. O ato criador que assume e transforma a matéria, parte de um processo que anuncia e coloca em evidência a origem, a história e o acúmulo do sujeito criador, e atravessa processos outros de constituição e desenvolvimentos de sentidos, significados, linguagens, identidades, etc.

No âmbito da análise dos sistemas de representação, os aspectos culturais ocupam amplo espaço dentro dos processos de produção. Compreendendo grupos particulares com situações, ambientes e momentos específicos, tais aspectos culturais contribuem, não somente com a elaboração do produto do processo tecnológico, tal qual, como definem igualmente, as características e configurações desses processos. Aquilo que em arquitetura chamamos de linguagem, reside nas características próprias do processo de produção, sendo em grande parte oriundas das escolhas e condições norteadas pelos aspectos culturais particulares.

A idéia de que as dimensões sociais e culturais podem ser separáveis como método de análise foi bastante trabalhada por Rapoport. Segundo ele:

*“O cultural é um conceito idealizado, um modelo para as variáveis sociais que são as manifestações e os resultados tangíveis da cultura. As expressões sociais potencialmente observáveis da cultura, tais quais a família e o parentesco, as redes sociais, os papéis, os status sociais, as instituições sociais, são particularmente importantes. Além de potencialmente observáveis, elas foram enormemente estudadas. Podemos, assim, relacioná-las com os ambientes construídos de maneira concreta, enquanto que com a cultura, seria impossível”.* (RAPOPORT, 2000)

A decomposição proposta por Rapoport busca estabelecer uma sequência de componentes ou elementos cada vez mais específicos, sendo também, cada vez mais operacionais para as análises, tais como: as visões de mundo, os valores, as normas, os modos de vida e sistemas de atividades, etc.

Neste sentido, a maneira como os membros de uma dada cultura decodificam o mundo e os valores que usam para decodificá-lo, são muito úteis em termos analíticos. No caso dos Batamaribas, nota-se que o habitat apresenta uma dualidade macho-fêmea marcada por uma separação das construções segundo seu eixo Leste-Oeste. A metade Sul, caracteriza-se como um espaço referente ao sagrado, sendo assim destinado aos homens. Já a metade Norte, conforma-se como um espaço onde as mulheres se tornam as responsáveis. (JOFFROY e DJANGUENANE, 2005)

*“O essencial não está somente na forma e na função, mas também no valor, o papel instrumental que assume um elemento como modo de exaltação de uma característica particular da sociedade. Aquilo que construímos é somente uma pequena parte do sistema de relações arquitetônicas potenciais elaboradas por uma sociedade dada.”* (GUIDONI, 1994)

A elaboração original da takienta (habitação tradicional Batamariba) reside numa perfeita interação entre os elementos profanos e sagrados pertencentes a esta particular cultura. Símbolos, funções, imagens e regras ditam os sistemas de atividades ligados aos seus processos construtivos. As quantidades de cômodos a serem construídos, seus tamanhos respectivos e os estilos de suas decorações variam em função do status e das características dos habitantes.

*“A construção de uma casa é objeto de cinco cerimônias. A primeira se faz no momento da realização da fundação, a segunda durante a colocação da porta de entrada, a terceira durante a realização do muro do lado masculino, a quarta quando o piso do primeiro andar é realizado, e a quinta e última quando a casa estiver inteiramente terminada.”* (JOFFROY e DJANGUENANE, 2005)

Cabe aqui ressaltar a importância de tais rituais e decisões construtivas para o processo de preservação e reprodução cultural dos grupos sociais. Esses rituais surgem assim como uma forma de retenção e memorização dos acontecimentos, dos símbolos e, inclusive, dos procedimentos operatórios dos processos construtivos.

O habitat planejado e construído pelo grupo social de uma maneira bastante particular, assume também a função de lembrar e manter viva, para as gerações seguintes, alguns eventos do passado, bem como alguns rituais importantes para o grupo. Desta forma, o processo de produção do habitat constitui-se como elementar contribuição para a preservação da identidade comunitária.

### Sistemas de memorização

Dentro dos estudos sobre os processos de formação e desenvolvimento das *culturas construtivas* tradicionais, a análise dos sistemas e mecanismos de memorização estabelecidos se torna extremamente crucial. Tais mecanismos se apoiam nas experiências de nossa construção cognitiva, onde além da aquisição dos novos conhecimentos externos, estabelece-se um processo de assimilação daquilo que é captado em nossa perspectiva interior. O ser humano reforça sua identidade existencial interagindo com o resto do grupo e com o meio ambiente em que vive.

A experiência operatória é fundamental nesta etapa. De um lado, ela nos permite entrar em contato com as relações concretas existentes entre o sujeito social criador, a matéria, e sua transformação. Do outro, ela proporciona “novas experiências”, no sentido do constante aprimoramento dos saberes adquiridos.

Potie teceu uma relação entre a instrumentalização da memória operatória no campo da produção

da arquitetura e os mecanismos de memorização trabalhados por Leroi-Gourhan em seu livro *“A memória e os ritmos”*. Ele propõe que:

*“A descrição da relação entre a oralidade e sua prática regular foi revelada por Gourhan quando ele mostra como o ritmo, a rima, o metro, a repetição, etc., formam de alguma forma o primeiro grau de uma instrumentalização, de uma externalização da memória, permitindo o desenvolvimento das capacidades. Pode-se então fazer a hipótese de que o ritmo, a simetria, a proporção, que formam uma das bases da composição arquitetônica, encontrem da mesma forma suas razões na instrumentalização de uma memória operatória”*. (POTIE, 2005)

Tal instrumentalização ganha força através da realização, repetição e transmissão das habilidades manuais. A memória operacional adquire substância e conteúdo com o movimento gestual e corporal que muitas vezes é articulado de modo não verbal. Nesta perspectiva, a memória social também é transmitida através da encenação e dos gestos, sendo captada através da visualização das imagens representadas dos acontecimentos, tornando-se importante instrumento a ser utilizado na manutenção, valorização e reprodução das *culturas construtivas*.

### Sistemas de transmissão e difusão

A compreensão das arquiteturas, do traçado urbano e então das *culturas construtivas* da velha cidade de Djenné passa pela referência e compreensão do modo de funcionamento do *barey ton* – corporação secular dos artesões. Tal engrenagem funcional permitiu a transmissão de geração em geração dos saberes e saberes-fazer ligados à arte de construir que coroaram com qualidade o habitat tradicional de Djenné. Seus altos níveis técnicos possibilitaram aos artesões serem reconhecidos ao longo de todo o delta interior do Níger, influenciando fortemente os estilos arquitetônicos de toda a região. (YAMOUSA e JOFFROY, 2010)

Tal corporação de artesões é considerada como sendo o “veículo” principal de transmissão dos “saberes” e “saberes-fazer” que constituem a base dos processos de produção dos patrimônios culturais construídos.

Tais sistemas de transmissão, essencialmente orais e gestuais, constituíram-se durante muito tempo como engrenagens quase solitárias dos processos de “materialização” e reprodução das culturas construtivas tradicionais.

Nestes termos, a força da tradição de um povo reside substancialmente nas capacidades dos processos e sistemas de transmissão e ensinamento dos diferentes conhecimentos e saberes. A reprodução e trajetória das culturas construtivas dependem da qualidade dos processos de transmissão intergeracional, que se fazem de maneira gradual e contínua, e formam as bases de uma determinada identidade coletiva.

Estes diferentes sistemas de transmissão e compartilhamento dos conhecimentos cristalizam a capacidade de uma sociedade de mobilizar seus potenciais tanto nas dimensões espaciais quanto nas temporais.

*“Além das noções de identidade, de tradição e de prática, a noção de cultura construtiva evoca igualmente a dimensão do “cultivar”, quer dizer, da transmissão pelo ensinamento, aprendizagem, criação, etc. Ela constitui uma herança carregada de sentidos e de valores que oferecem uma reinterpretação constante do mundo, num jogo entre o passado, o presente e o futuro, e então entre o patrimônio e o projeto, entre a memória e a criação.”<sup>7</sup>*

### Período histórico

Do ponto de vista histórico, as estruturas das *culturas construtivas* tradicionais não apresentam uma tendência de modificação acelerada. O processo evolutivo se dá de maneira gradual, mais ou menos constante através das sucessivas gerações, salvo no caso de bruscas rupturas dos sistemas políticos vigentes, como por exemplo, nos processos de dominação e colonização, com a imposição de uma nova *cultura construtiva* em substituição àquela existente anteriormente.

Nas sociedades modernas essa leitura se faz de maneira diferenciada. As transformações ocorrem em um ritmo mais acelerado, dentro de um período de tempo mais curto. Uma única geração pode presenciar mudanças substanciais e até rupturas

nos processos tradicionais de produção de seus habitats.

A leitura analítica dos distintos momentos históricos que abrigam cada cultura construtiva, revela-se essencial para uma melhor compreensão de seus processos de produção. Devemos entender tanto os contextos e as conjunturas de uma determinada época, através de suas ordens políticas, sociais, econômicas, culturais, etc., como o reflexo que tais contextos exerceram sobre a produção, manutenção e reprodução das *culturas construtivas*.

Tomemos novamente como exemplo a cidade de Djenné. Devido à sua posição estratégica de entroncamento de diferentes rotas comerciais que atravessavam esta região do continente africano, ela foi cobiçada por praticamente todos os impérios que por ali passaram ao longo dos séculos, e encontrou-se sob sucessivos e diferentes domínios ao longo de sua história. Assim, conheceu a dominação do Império do Gana, do Mali (século XIII), do Songhoy (1470), do Marrocos (do século XVI ao XIII), do império do Macina (a partir de 1819) e do império d’El Hadj Omar Tall (1866), antes de passar em 1893 ao domínio France. (YAMOUSA e JOFFROY, 2010)

Estes diferentes colonizadores aportaram e introduziram diversos elementos e influências culturais à região. A própria população local consiste em um testemunho desta rica diversidade cultural, que se formou de maneira recomposta ao longo dos séculos, abrangendo múltiplas etnias que vivem nesse mesmo território santo.

Assim, as culturas construtivas estão inseridas dentro das dinâmicas das sociedades. E a riqueza que nos faz admirá-las reside justamente nas “inteligências” adaptativas e evolutivas que souberam produzir respostas às exigências mutáveis dos diferentes contextos societários.

### Comentários finais

O ser humano que aspira à satisfação de suas necessidades mais básicas é produto de uma natureza socialmente construída. Sua atividade produtiva configura-se como a origem de tudo que se constitui e acontece ao longo de seu processo histórico. E a partir de um longo percurso transversal a numerosas gerações, este ser humano

<sup>7</sup> Comentários do professor Hubert Guillaud em seus cursos sobre culturas construtivas, 2008.

organizado coletivamente, herda um acúmulo de conhecimentos e experiências que uma vez manipulados de maneira adequada e criativa, permitem invenções, adequações e inovações que constituirão seu patrimônio cultural.

Neste processo, são os grupos organizados em torno de uma atividade produtiva comum, os detentores de uma memória coletiva e os vetores de transmissão dos conhecimentos e práticas que irão responder da maneira mais apropriada às próprias necessidades e assim às suas estratégias de reprodução social.

Nesta intrínseca relação entre a existência (histórica), a técnica (social), a natureza (humana) e a Natureza (cósmica), as culturas se formam e se estruturam, e em um âmbito particular se materializam e expressam-se, inclusive, através do que conhecemos como *culturas construtivas*.

A decomposição do fenômeno de produção das *culturas construtivas* nos permitiu perceber com mais clareza que estas não são um fim, em si mesmas. São, por sua vez, constantes processos dialéticos que evocam coesão social e fortalecem identidades coletivas. Através do desenvolvimento de seus gestos construtivos, elas “lapidam” conhecimentos e inteligências que acompanham sua história social, adaptando-se aos tempos sobrepostos e às gerações em alternância. E com mais ou menos intensidades, suas periódicas transformações rompem com as ordens construtivas estabelecidas.

As análises desses processos de produção devem ser efetuadas tanto através de uma perspectiva histórica global, com o intuito de evitar o direcionamento de nossa compreensão a estereótipos deterministas ou idealistas, como também deve ser realizada através de estudos de casos, que nos permitem compreender os processos produtivos de cada grupo específico reconhecido como portadores

de “inteligências construtivas” relevantes e de tecnologias particulares.

Tais análises críticas são ainda portadoras de novas descobertas cada vez mais aprofundadas sobre tais patrimônios, onde os desconhecidos tornam-se sujeitos históricos e os conhecimentos ferramentas para transformação social.

## Referências bibliográficas

- CRAterre, “Architecture et Paysage Batammaribe”, exposição do Ministério da Cultura, do Artesanato e do Turismo, embaixada da França no Benin.
- ENSAG, “Rapport d’Activité Scientifique, évaluation du programme pluriannuel 2002-2005”, equipe : Cultures Constructives, 2005.
- GUIDONI, Enrico, “Architecture primitive : histoire de l’Architecture”, Gallimard / Electa, 1994.
- JOFFROY, Thierry et DJANGUENANE, Nayondjoua, “Koutammakou – le pays des Batammariba : ceux qui façonnent la terre”, Programme Africa 2009, CRAterre éditions, 2005.
- JOFFROY, Thierry e YAMOUSSA, Fané, “Villes Anciennes de Djenné”, CRAterre-ENSAG, 2010.
- KEESING, Felix, “Antropologia cultural”, Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961.
- LARAIA, Roque de Barros, “Cultura: um conceito antropológico”, Rio de Janeiro, Zahar, 1986.
- POTIE, Philippe, “Architecture: territoire et mémoires de l’expérience constructive”, Habilitation à Diriger les Recherches, Ecoles de Hautes Etudes en Sciences Sociales, Février 2005.
- RAPOPORT Amos, “Culture, Architecture et Design”, Collection Témoignages, 2000.
- UNESCO, “Architecture & Cultures Constructives – éléments pour un pôle d’enseignement de la construction”, L’unité Architecture pour l’Education de l’Unesco, Paris, 1993.
- UNESCO, “Koutammakou – le pays des Batammariba : ceux qui façonnent la terre”, Proposition d’inscription de biens sur la liste du patrimoine mondial, République du Togo, 2002.